

## Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (2003). "Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos" in FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa M. de O. Barbosa e MARQUESI, Sueli Cristina (org.). **Língua Portuguesa pesquisa e ensino – Vol. II**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2007: 97- 117.

**Errata:** Na nota 3, na página 101

**No trecho:** "Esta mudança se deve ao fato de que o termo espécie pode sugerir uma hierarquização que não é o que achamos existir"

**Leia-se:** "Esta mudança se deve ao fato de que o termo subtipo pode sugerir uma hierarquização que não é o que achamos existir"

# **Tipeamentos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos**

*Luiz Carlos Travaglia\**

## **Introdução**

Os estudos tipológicos de textos e discursos têm experimentado nas últimas duas décadas um desenvolvimento nunca visto antes nos estudos lingüísticos, principalmente porque a Lingüística Textual tem avocado como uma de suas tarefas “diferenciar as várias espécies de textos” (Fávero e Koch, 1983, p. 14). Todavia, é preciso reconhecer a necessidade de construção de uma teoria tipológica geral de textos que se aplique às tipologias existentes e as interrelacione de algum modo. Tais tipologias geralmente são construídas para um objetivo específico de trabalho, utilizando um ou mais critérios classificatórios e levando em conta a natureza do material textual que se tem em mãos para estudo ou para aplicações práticas como as de ensino/aprendizagem, de produção/compreensão de textos.

Há, nos estudos para estabelecimento de tipologias de discurso e/ou texto, uma diversidade de teorias e abordagens (literária, lingüística, antropológica, psicológica, pedagógica), de parâmetros e critérios no estabelecimento das mais diferentes tipologias com os mais diversos fins.

---

\* Universidade Federal de Uberlândia. Agradeço ao Prof. Dr. Luiz Antônio Marcuschi suas observações, sempre pertinentes, à primeira versão deste artigo, e a possibilidade do debate, da discussão.

De tudo isto tem nascido um mal-estar classificatório<sup>1</sup> que, podemos dizer, advém basicamente:

- a) da inexistência de uma teoria tipológica geral que organize todo este “furor” tipológico e
- b) do encontro das diferentes abordagens e conseqüentes metalinguagens que, muitas vezes, se utilizam dos mesmos termos para referir conceitos tipológicos diversos.

Nem mesmo o termo identificador do(s) “*elemento(s) tipológico(s)*”<sup>2</sup> básico(s) é comum, pois tem-se termos como: tipos, gêneros, espécies, modos, subtipos de textos e, normalmente, eles não são definidos com o fim de diferenciá-los ou simplesmente são termos usados por uma teoria ou abordagem sem a preocupação de dizer se representam algo diferente ou não do que se tem identificado alhures por outro nome ou pelo mesmo nome. As tipologias sugerem arquétipos, “tipos” efetivos e quase sempre os “tipos” são caracterizados/identificados pela recorrência de traços de conteúdo, de forma (estruturais e da superfície lingüística), de estilo, de propriedades discursivas.

Em pesquisa iniciada em 1998, estabelecemos a hipótese de que haveria *elementos tipológicos fundamentais*, isto é, elementos tipológicos que entrariam na composição de todos ou da maioria dos textos existentes em nossa cultura/sociedade, independentemente da classificação tipológica desses textos. Na busca dos elementos tipológicos fundamentais, encontramos fatos sobre tipologização que sugerem a necessidade e a validade de se distinguirem três “elementos tipológicos” de naturezas diferentes. A não distinção desses três elementos tipológicos seria responsável pela criação de problemas e mal-entendidos, por um lado, no estabelecimento de tipologias e da relação entre elas e, por outro lado, na classificação tipológica de textos e em como relacionar diferentes classificações que um mesmo texto pode receber. Consideramos que a distinção de elementos tipológicos de naturezas distintas, e de quais são as naturezas básicas dos elementos tipológicos que os textos concretos realizam, bem como as relações que podem ocorrer entre estes elementos tipológicos de cada natureza, é um passo fundamental e necessário para

---

1 Sobre este mal-estar classificatório, cf. Chiss (1987).

2 Na falta de um termo genérico para “tipos”, “gêneros”, “espécies”, “modos”, “subtipos” de textos, neste artigo utilizamos inicialmente a expressão “elementos tipológicos”, referindo a natureza do que estamos tratando, ou seja, para referir genericamente a qualquer categoria distintiva de natureza tipológica dos textos e discursos e a seguir proporemos o termo “tipelementos” para funcionar como o termo geral para os diferentes elementos tipológicos.

a proposição de uma teoria tipológica geral de textos; além disso cremos ser esta a única forma possível de propor uma teoria tipológica geral que correlacione de alguma forma as inúmeras tipologias já construídas ou a serem construídas, uma vez que se revela impossível querer reuni-las em um quadro classificatório único. Portanto, o que se tem é que uma teoria tipológica geral de textos seria aquela que evidenciasse o que todas as tipologias existentes têm em comum e ao mesmo tempo fornecesse os aspectos que se tem de levar em conta para construir uma tipologia. Neste estudo, procuramos dar pelo menos um primeiro passo para a construção dessa teoria geral ou um primeiro passo para se abrir a discussão dessa questão de forma mais concreta.

Consideramos *texto* e *discurso* como duas categorias distintas. Consideramos o *discurso* como a própria atividade comunicativa, a própria atividade produtora de sentidos para a interação comunicativa, regulada por uma exterioridade sócio-histórica-ideológica e consideramos o *texto* como o resultado desta atividade comunicativa, tal como definido em Koch e Travaglia (1989, p. 8; 1990, p. 10) e em Travaglia (1996, cap. 6): o *texto* é visto como uma unidade lingüística concreta (perceptível por um dos sentidos: para a língua, geralmente a audição ou a visão), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente de sua extensão. Evidentemente, o texto tem um funcionamento discursivo (para a comunicação) que o atualiza em diversos sentidos a cada vez que é (re)utilizado em uma nova situação de interação comunicativa, o que faz com que ele não possa ser visto como um produto definitivamente estabelecido de determinada maneira única. Registramos esta distinção porque estamos aqui preocupados com a questão tipológica dos textos e não dos discursos, embora reconheçamos que se pode fazer tipologia de discurso.

Qual a relação entre as tipologias de discurso e de texto é outra questão que também precisa ser enfrentada pelos teóricos, mas que absolutamente não podemos fazer neste momento. Quanto às tipologias de discurso, queremos apenas deixar registrado que, de nossa perspectiva, consideramos que as tipologias de discurso usarão como critérios elementos ligados à exterioridade sócio-histórico-ideológica ou à interrelação ou interação entre eles, como dizem Koch e Fávero (1987, p. 3), "critérios ligados às condições de produção dos discursos e às diversas formações discursivas em que podem estar inseridos". Daí se ter tipologias propostas por critérios com referência: a) institucional (discurso

político, religioso, jurídico, etc.); b) ideológica (discurso petista, de direita, de esquerda, cristão, islâmico, existencialista, feminista, racista, etc); c) a domínios de saber (discurso médico, lingüístico, filosófico, científico, jornalístico, etc.); d) à interrelação entre elementos da exterioridade, como a tipologia proposta por Orlandi (1987), que toma como base o modo da relação entre os sujeitos (reversível/irreversível) e a forma de sentido que se estabelece entre eles (polissêmico/unívoco), propondo os discursos autoritário, polêmico e lúdico. Por sua vez, as tipologias de texto parecem ser estabelecidas usando-se critérios predominantemente ligados a elementos internos ao texto.

## Tipelementos e sua interrelação

### *Os tipelementos*

Em nossa pesquisa sobre tipologias de texto, observamos que, com frequência, as classificações das tipologias existentes misturam, numa mesma tipologia, “elementos tipológicos” de três naturezas distintas, que se definem e caracterizam por parâmetros e critérios de natureza também diferentes. Essa mistura tem causado muitos problemas na tipologização e classificação de textos e mal-entendidos que geram discussões desnecessárias, porque surgem da colocação em planos e linhagens comuns, equiparando-os, elementos tipológicos que de forma alguma poderiam estar lado a lado como se fossem da mesma natureza. Essa constatação mostrou a necessidade de diferenciar e interrelacionar estes três “elementos tipológicos” e passar a organizar as tipologias levando em consideração os mesmos, para perceber, organizar e explicar melhor, em uma teoria tipológica mais geral de textos, fatos que têm a ver com a distinção e a relação entre tais elementos tipológicos.

A proposta de diferenciação destes três elementos tipológicos é apresentada a seguir. Cremos que sua validade, pertinência e abrangência ficará evidenciada em parte aqui, mas sobretudo em estudos posteriores, que se disponham a trabalhar com a proposta de sua existência e distinção. A abrangência é fundamental para a proposição de uma teoria tipológica geral de textos. É preciso deixar claro, entretanto, que nossos estudos sobre a questão, embora já tenham caminhado bastante e se baseiem na observação e análise de uma quantidade de elementos tipológicos distintos que fica na casa das centenas, não podem, em absoluto, ser considerados finalizados e naturalmente poderão surgir outros

elementos tipológicos básicos ainda não identificados ou aspectos de sua interrelação que refinam a análise e a proposta teórica que aqui é feita, embora não nos pareça difícil surgir, pelo menos para a Língua Portuguesa, fatos que modifiquem radicalmente o que está sendo proposto ou que afetem sua consistência. Fica pois claro que o que apresentamos aqui é uma proposta, uma contribuição para a reflexão e discussão dos estudiosos interessados na questão.

Para não criar termos inteiramente novos, identificamos estes três elementos tipológicos pelos termos *tipo*, *gênero* e *espécie*,<sup>3</sup> embora reconheçamos que estes termos estão extremamente comprometidos nas teorias tipológicas existentes. Por isso pedimos maior atenção aos conceitos que aos nomes usados na metalinguagem desta proposta, para não carregar conceitos correntes ligados aos mesmos termos, gerando assim confusões desnecessárias. Propomos o termo *tipelementos*<sup>4</sup> para ser um termo genérico para os elementos tipológicos básicos que propusemos chamar de *tipos*, *gêneros* e *espécies*.

Vejamos a caracterização dos três tipelementos que encontramos, de modo a permitir sua distinção, bem como as interrelações e talvez hierarquizações que podem ocorrer entre eles e que são fundamentais para a configuração da teoria tipológica de base que ora é proposta.

#### *A distinção de tipos, gêneros e espécies e sua interrelação*

##### Tipo

O primeiro tipelemento é o *tipo* de texto, que pode ser identificado e caracterizado por instaurar um modo de interação, uma maneira de interlocução (cf. Travaglia, 1991, cap. 2), segundo perspectivas que podem variar constituindo critérios para o estabelecimento de tipologias diferentes. Algumas perspectivas que foram usadas para o estabelecimento de tipologias diferentes e conhecidas são:

- 3 Em Travaglia (2001), utilizamos o termo "subtipo" para o que aqui estamos chamando de "espécie". Esta mudança se deve ao fato de que o termo espécie pode sugerir uma hierarquização que não é o que achamos existir.
- 4 Pensamos numa primeira versão no termo "tipiformas", mas optamos por "tipelementos" por considerar que os elementos tipológicos são básicos na construção das tipologias e talvez dos textos, numa espécie de analogia, *mutatis mutandis*, com os elementos químicos que compõem as substâncias e porque "tipiforma" poderia insinuar, indevidamente, que os construtos que os elementos tipológicos representam tinham a ver apenas com forma ou por ela se caracterizassem exclusivamente.

1. a perspectiva do produtor do texto em relação ao objeto do dizer quanto ao fazer/acontecer ou conhecer/saber e quanto à inserção destes no tempo e/ou no espaço. Esta perspectiva estabelece os tipos que normalmente têm sido nomeados de *descrição*, *dissertação*, *injunção* e *narração*. Essa perspectiva foi proposta em Travaglia (ibid.), e a caracterização destes quatro tipos de texto aparece resumida no Quadro 1;<sup>5</sup>

2. a perspectiva do produtor do texto dada pela imagem que ele faz do receptor como alguém que concorda ou não com o que ele diz. Aqui aparecem o discurso da transformação, quando o produtor vê o receptor como alguém que não concorda com ele, o que cria os *textos argumentativos* “*stricto sensu*” que mobilizam explicitamente argumentos e recursos lingüísticos apropriados ao convencimento/persuasão do interlocutor e o discurso da cumplicidade, em que o produtor vê o receptor como alguém que concorda com ele. Neste caso, temos o texto que não é argumentativo “*stricto sensu*” (cf. ibid.);

3. a perspectiva em que o produtor do texto faz uma antecipação no dizer (*texto preditivo*) ou não faz antecipação (*texto não-preditivo*) (cf. ibid.);

4. a perspectiva dada pela atitude comunicativa de comprometimento ou não, o que resulta nos *textos do mundo comentado* (comprometimento) ou *do mundo narrado* (não comprometimento) (cf. Weinrich, 1968);

5. um exemplo que deixa claro que o que estamos aqui definindo não se relaciona com outras definições e caracterizações existentes em outros estudos é o dos chamados “*gêneros lírico, épico (ou narrativo) e dramático (ou teatral)*” propostos pela Teoria Literária. Embora a teoria proponente os chame de gêneros, quase como um sinônimo do que a Lingüística tem chamado de tipo; dentro da classificação tripartite que estamos propondo dos “elementos tipológicos” em tipelementos, o *lírico* é um tipo, porque é dado por estabelecer um modo de interação que se caracteriza pela perspectiva de voltar-se para si mesmo para refletir-se como numa “confissão” (cf. Tavares, 1974, pp. 117-118) que se importa pouco com o outro, com o alocutário (cf. Moisés, 1973, pp. 63-69), portanto, uma perspectiva altamente subjetiva de si mesmo ou do que lhe é exterior, portanto, uma perspectiva que nasce do mundo interior e busca esse mesmo mundo. A perspectiva de busca do mundo exterior pode acontecer de duas formas distintas:

---

5 Este quadro, nesta forma, é transcrito de Travaglia (2002), com pequenas modificações.

Quadro 1

	<b>Descrição</b>	<b>Dissertação</b>	<b>Injunção</b>	<b>Narração</b>
Perspectiva do enunciator/ produtor do texto	Enunciador na perspectiva do espaço em seu conhecer	Enunciador na perspectiva do conhecer, abstraído do tempo e do espaço	Enunciador na perspectiva do fazer posterior ao tempo da enunciação	Enunciador na perspectiva do fazer/acometer inserido no tempo
Objetivo do enunciator	O que se quer é caracterizar, dizer como é	Busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor idéias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações	Diz-se a ação requerida, desejada, diz-se o que e/ou como fazer; incita-se à realização de uma situação <sup>6</sup>	O que se quer é contar, dizer os fatos os acontecimentos, entendidos como os episódios, a ação/o fato em sua ocorrência
Forma como se instaura o interlocutor	Como <i>voyeur</i> do espetáculo	Como ser pensante, que raciocina	Como aquele que realiza aquilo que se requer ou se determina que seja feito, aquilo que se deseja que seja feito ou aconteça	Como assistente, espectador não participante, que apenas toma conhecimento dos episódio(s) ocorrido(s)
Tempo referencial <sup>7</sup>	Simultaneidade das situações	Simultaneidade das situações	Indiferença à simultaneidade ou não das situações	Não simultaneidade das situações, portanto sucessão
Relação entre o tempo da enunciação e o referencial	O tempo da enunciação pode ser posterior, simultâneo ou anterior ao tempo referencial <sup>8</sup>	O tempo da enunciação pode ser posterior, simultâneo ou anterior ao tempo referencial	O tempo referencial é sempre posterior ao da enunciação	O tempo da enunciação pode ser posterior, simultâneo ou anterior ao tempo referencial

6 Por situação entendemos todos os tipos de processos indicados pelo verbo ou não: ações, fatos, fenômenos, estados, eventos, etc.

7 Tempo referencial é o tempo de ocorrência no mundo real em sua sucessão cronológica.

8 Embora se possam ter descrições, dissertações e narrações passadas, presentes e futuras, o que se observa é que mais comumente, em nossa cultura, temos: a) mais freqüentemente descrições passadas e presentes e raramente

a) pela admiração do acontecido, tanto que o que importa é a complicação (que é uma parte essencial da superestrutura narrativa) que permite perguntar: “qual é o ponto?”. Tem-se aqui o gênero *épico* ou *narrativo* da Teoria Literária (que seria o mesmo tipo narrativo referido em 1, acima, mas dado por outra perspectiva, que o apreende de um outro ponto de vista diferente deste da classificação da Teoria Literária);

b) pela exposição e/ou análise das relações entre os seres, o que dá o tipo *dramático* (gênero dramático da Teoria Literária).

### Gênero

O segundo tipelemento é o *gênero* de texto, que se caracteriza por exercer uma função social específica. Estas funções sociais, embora sejam “pressentidas” e vivenciadas, quase sempre não são de fácil explicitação<sup>9</sup> e este é um ponto que a pesquisa lingüística ainda precisa desenvolver e muito. Todavia buscamos ensaiar alguns exemplos:

1. a *correspondência* é um gênero (que alguns chamam de epistolar) identificável pela função social de permitir a troca de informações entre pessoas e/ou instituições e a interação por meio de um veículo específico que sobrepuja limitações de tempo e espaço (o que é comum a todos os veículos de língua escrita);

2. a *notícia* ou *reportagem*, que tem a função social de manter o interlocutor atualizado com os fatos acontecidos numa região, país ou no mundo e também tem veículos próprios (jornal, rádio e televisão);

3. o que a teoria literária chama de *gênero didático* é realmente um gênero no sentido proposto aqui, pois o texto didático se distingue do não didático por sua função social: tem o objetivo específico de ensinar, de servir ao ensino/aprendizagem do conteúdo do texto, freqüentemente em situações formalizadas de educação;

4. o que a teoria literária chama de *gênero oratório* também é um gênero pela nossa proposta de tipelementos, pois um texto do gênero

---

descrições futuras; b) freqüentemente dissertações presentes, raramente passadas e nunca encontramos dissertação futura; c) mais freqüentemente narrações passadas, menos freqüentemente narrações presentes e raramente narrações futuras.

9 A explicitação das funções sociais dos gêneros é comumente dificultada: a) quando se trata de gênero que surgiu em épocas remotas e fica difícil dizer hoje qual era então a sua função; b) pela possibilidade de mudança de função do gênero em épocas distintas ou até mesmo em grupos sociais distintos.

oratório se definiria como tal, segundo Tavares (1974, p. 151), pela finalidade de “convencer inteligências e influenciar ou persuadir vontades”;<sup>10</sup>

5. todos os 48 (quarenta e oito) tipeamentos que identificamos e caracterizamos, em Travaglia (2002a), como gêneros definidos por atos de fala, têm sua função social dada pelo ato de fala que os define. Transcrevemos abaixo um quadro que dá uma idéia da função básica comum a vários gêneros (cf. Quadro 2). A diferenciação entre os que têm a mesma função básica pode ser vista em Travaglia (ibid.);

Quadro 2

	<b>Grupos de gêneros</b>	<b>Função básica comum</b>
1	Aviso, comunicado, edital, informação, informe, participação, citação	Dar conhecimento de algo a alguém
2	Acórdão, acordo, convênio, contrato, convenção	Estalecer concordância
3	Petição, memorial, requerimento, abaixo assinado, requisição, solicitação	Pedir, solicitar
4	Alvará, autorização, liberação	Permitir
5	Atestado, certidão, certificado, declaração	Dar fé da verdade de algo
6	Ordem de serviço, decisão, resolução	Decidir, resolver
7	Convite, convocação, notificação, intimação	Solicitar a presença
8	Nota promissória, termo de compromisso, voto	Prometer
9	Decreto, decreto-lei, lei, resolução	Decretar ou estabelecer normas
10	Mandado, interpelação	Determinar a realização de algo
11	Averbação, apostila	Acrescentar elementos a um documento, declarando, corrigindo, ratificando

10 Embora esta finalidade proposta por Tavares (1974) para o oratório possa ser vista como o objetivo dos textos argumentativos *stricto sensu*. Ter-se-ia, neste caso, de pensar melhor a função social do oratório, que pode, evidentemente, ser composto pelo tipo argumentativo *stricto sensu* (ver as interrelações em “Interrelações entre os tipeamentos”).

6. o tipo dramático apresenta alguns gêneros que tinham função social bem definida, pelo menos em suas origens: a) a tragédia: com a função de “comover ou “purgar” (purificar) nos assistentes os sentimentos mais nobres, inspirando-lhes terror e compaixão”;<sup>11</sup> b) a comédia: com função de provocar o riso, mas um riso que serve à correção dos costumes. Assim, a função da comédia é a função básica do humor (cf. Travaglia, 1988; 1990) e terminologicamente parece melhor falar em humor como gênero, já que o termo comédia aparece usado também para tipeamentos de outras naturezas; c) o drama satiresco: gênero que só existiu entre os gregos e tinha por “fim cultivar a memória do deus Baco” (Tavares, 1974, p. 139).

### Espécie

O terceiro tipeamento é a *espécie* de texto, que se define e se caracteriza por aspectos formais de estrutura (inclusive superestrutura) e da superfície lingüística e/ou por aspectos de conteúdo. Vejamos alguns exemplos:

1. As espécies “*história*” e “*não-história*”, necessariamente vinculadas ao tipo narrativo, são caracterizadas por aspectos de conteúdo:

a) tem-se uma narração *história* quando seus episódios se encadeiam, caminhando em direção a uma resolução e um resultado;

b) tem-se uma narração *não-história* quando seus episódios estão lado a lado no texto, mas não se encadeiam em direção a um resultado;

2. o mesmo tipo narrativo pode ser apresentado em duas espécies formais: a narrativa em prosa e em verso. Essas espécies não são necessariamente vinculadas ao tipo narrativo;

3. distinguem-se várias espécies do gênero romance, tendo em vista aspectos de conteúdo: romances históricos, psicológicos, regionalistas, indianistas, fantásticos, de ficção científica, de capa e espada, policiais, eróticos, etc.;

4. distinguem-se várias espécies do gênero correspondência, geralmente caracterizadas por aspectos formais, particularmente de superestrutura: carta, telegrama, ofício, memorando, bilhete, etc.

5. para o tipo descritivo distinguem-se espécies tais como: a) objetiva *versus* subjetiva; b) estática *versus* dinâmica; c) comentadora *versus* narradora.<sup>12</sup> Estas espécies são definidas por aspectos de conteúdo, apresentando também características formais;

11 As caracterizações e informações sobre os gêneros do tipo dramático são de Tavares (1974, p. 135 e ss). Este autor da Teoria Literária, como vimos, chama o dramático de gênero.

12 As espécies narradora e comentadora para a descrição foram identificadas e

6. ao tipo lírico se vincula uma grande quantidade de espécies. A seguir damos alguns exemplos definidos:<sup>13</sup>

A) pela forma: a) *acróstico* (letras iniciais dos versos lidas na vertical formam um nome ou frase); b) *balada* (três oitavas e uma quadra final, às vezes substituída por uma quintilha, que é o ofertório, versos octossílabos, três rimas cruzadas ou variáveis); c) *soneto* (composição de quatorze versos, distribuídos em duas quadras e dois tercetos, sendo o último verso chamado de “chave de ouro” por conter a essência do poema); d) *haicai* (poema de forma fixa: estrofes de três versos com um total de dezessete sílabas métricas assim distribuídas: primeiro verso: cinco sílabas; segundo verso: sete sílabas; terceiro verso: cinco sílabas); etc.

B) pelo conteúdo: a) *ditirambo* (poema que celebra os prazeres da mesa, principalmente na hora do brinde de modo jovial e entusiástico); b) *elegia* (comporta as composições de tristeza e de luto); c) *epitalâmio* (composição destinada a celebrar bodas e núpcias); d) os *poemas bucólicos* (que têm por assunto a vida do campo) dos quais temos o *idílio* (que é monológico) e a *écloga* (que é dialogada); etc.;

7. o gênero humor<sup>14</sup> apresenta algumas espécies<sup>15</sup> definidas por conteúdo e/ou forma: a) comédia clássica (temas relacionados às comemora-

---

caracterizadas por Travaglia (1991, pp. 225 e 234-237). A descrição narradora se refere sempre a um exemplar único do elemento descrito (acontecimento, ser, coisa, objeto, etc.) e a comentadora se refere sempre a uma classe do elemento descrito. Por exemplo, uma descrição narradora diria como foi o carnaval de 2002, na cidade de Uberlândia, enquanto uma descrição comentadora diria como é a festa do carnaval em geral em qualquer lugar ou época.

- 13 As caracterizações das espécies líricas aqui citadas foram extraídas de Tavares (1974, pp. 269 e ss).
- 14 Temos como hipótese que o humor, por suas funções sociais (cf. Travaglia, 1988; 1990), é um gênero. Esse gênero teria manifestações diversas em diferentes tipos e espécies, tais como: a) manifestações dramáticas/teatrais: a comédia, a farsa, o vaudeville, a revista, a ópera-bufa; b) manifestações narrativas: a piada e também outros gêneros, que embora nem sempre tenham função humorística podem aparecer como tal: o romance, a novela, o conto, a crônica. Veja o que diz Tavares (1974, pp. 144 e ss), que inclui no humorístico também algumas formas em verso tais como: a) pertencendo ao tipo lírico, a sátira (composição de maior fôlego e extensão), o epigrama (composição satírica breve, curta), o poema humorístico (que se distinguiria da sátira por ter um crítica e um zombar mais leves, até mesmo com um viés de simpatia e benevolência) e a paródia (imitação jocosa de conteúdo e/ou forma) (ibid., pp. 323-327); b) pertencendo ao tipo narrativo ou épico, o poema herói-cômico e o poema burlesco (ibid., pp. 275 e 276).
- 15 As informações quanto às características são de Tavares (1974, pp. 138-141).

ções dionisíacas); b) farsa (composição teatral humorística medieval e atual sobre assuntos comuns do dia-a-dia); c) ópera-bufa (composição cômica cantada); d) vaudeville (composição cômica com intercalação de árias ou canções. Identifica-se com a opereta);

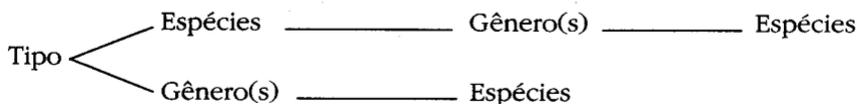
8. algumas espécies, definidas pelo conteúdo, que se vinculam ao tipo dramático são: a) mistério (“representação de episódios da vida de Cristo”) e b) milagre (“representação de episódios envolvendo homens e santos”).<sup>16</sup>

#### Interrelações entre os tipelementos

Os exemplos acima já deixam entrever algumas das interrelações<sup>17</sup> que ocorrem entre os tipos, gêneros e espécies. Até o momento pudemos registrar as seguintes interrelações:

1. Espécies aparecem vinculadas a tipos ou gêneros. Os gêneros aparecem vinculados a tipos. Às vezes essa vinculação do gênero ao tipo se faz a uma espécie ou outra do tipo. Estas relações podem ser visualizadas no Esquema 1, do qual *não* se deve fazer uma leitura hierárquica, mas apenas de correlação.

Esquema 1



2. Alguns gêneros podem ser necessariamente vinculados a um tipo, outros não. No primeiro caso, a vinculação necessária a um tipo se faz em termos de dominância e não de exclusividade do tipo na composição do gênero. No segundo caso, o gênero pode se vincular a vários tipos diferentes em termos de dominância. Neste caso, o gênero poderá ser de um ou outro tipo, conforme sua composição seja predominantemente de um ou outro tipo. No Quadro 3, temos alguns exemplos de gêneros que são necessariamente vinculados a um tipo porque sempre são compostos predominantemente por este tipo de texto e, portanto, realizam este tipo de texto.

16 Caracterizações de mistério e milagre de Tavares (1974, p. 139).

17 Não podemos dizer ainda se há relações hierárquicas entre tipos, gêneros e espécies.

Um exemplo de gênero que não está necessariamente vinculado a um tipo de texto é o gênero “correspondência” ou, como diz Tavares (1974, p. 155), o gênero epistolar. Portanto as cartas, por exemplo, não são todas do mesmo tipo. Assim, uma carta pode, por exemplo, ser exclusivamente ou predominantemente descritiva ou dissertativa ou injuntiva ou narrativa ou argumentativa *stricto sensu*, ou ainda pode ser uma conjugação de todos estes tipos sem um dominante que a caracterize como de um tipo. Neste último caso é simplesmente um somatório de seqüências de tipos diferentes, o que, na verdade, parece acontecer raramente. Um exemplo de gênero que parece se enquadrar neste último caso é a bula de remédio, em que temos partes da sua superestrutura ou trechos que são descritivos, dissertativos, injuntivos ou narrativos, mas nenhum tipo atua como dominante, de forma que parece que não podemos dizer que uma bula é um gênero descritivo ou dissertativo ou injuntivo ou narrativo.

### Quadro 3

<b>Tipo</b>	<b>Exemplos de gênero(s) necessariamente vinculado(s) ao tipo em termos de dominância</b>
Descritivo	Não observamos até o momento nenhum gênero necessariamente descritivo
Dissertativo	Tese, dissertação de mestrado, artigo acadêmico-científico, editorial de jornal, monografia, conferência
Injuntivo	Mensagem religiosa-doutrinária, instruções, manuais de uso e/ou montagem de aparelhos e outros, receitas de cozinha e receitas médicas, textos de orientação comportamental (ex.: como dirigir)
Narrativo	Atas, notícias, peças de teatro, romances, novelas (literárias, de rádio e TV), contos, contos de fadas, fábulas, apólogos, parábolas, mitos, lendas, anedotas, piadas, fofoca, caso, biografia, epopéia, poema heróico, poema burlesco

3. Algumas espécies podem ser necessariamente vinculadas a um tipo ou gênero, outras não. Veja os exemplos abaixo.

Os exemplos já apresentados podem ser complementados por outros e por algumas observações para buscar deixar mais claras as relações<sup>18</sup> apresentadas de 1 a 3, acima. Ver as observações de A a G, a seguir:

18 Algumas das classificações enquanto tipo, gênero ou espécie que colocamos aqui ainda podem ser revistas.

A) como vimos, ao tipo narração se vinculam necessariamente duas espécies: história e não história e vários gêneros que se subdividem por estas duas espécies: a) não-história (gêneros: ata, notícia, narrações esportivas do tipo jogo de futebol e corrida de cavalo, etc.); b) história (romance, novela, novela de rádio e TV, conto, conto de fadas, crônica, apólogo, fábula, parábola, piada, lenda, mito, fofoca, caso, biografia, notícia, epopéia, poema heróico, poema herói-cômico, poema burlesco, etc.). Os gêneros aqui elencados se vinculam necessariamente ao tipo narrativo, por isto são ditos gêneros narrativos;

B) ao gênero romance (que se vincula necessariamente ao tipo narração, espécie história) se vinculam várias espécies dadas pelo conteúdo: histórico, psicológico, regionalista, indianista, fantástico, de ficção científica, de capa e espada, policial, erótico, etc. Estas espécies não são necessariamente vinculadas ao gênero romance, pois podem ser consideradas também para o conto e a novela;

C) como vimos, há várias espécies necessariamente vinculadas ao tipo lírico e caracterizadas: a) pelo conteúdo: ditirambo, elegia, epitalâmio, os poemas bucólicos – divididos formalmente em idílio (que é monológico) e écloga (que é dialogada), etc.; b) pela forma: acróstico, balada, soneto, haicai, etc.;

D) também vimos que o gênero correspondência não se vincula necessariamente a nenhum dos quatro tipos definidos pela perspectiva do produtor em relação ao objeto do dizer quanto ao saber/conhecer ou ao fazer/acontecer e sua inserção no tempo e espaço (descrição, dissertação, injunção, narração), pois podemos ter correspondências totalmente compostas por um desses tipos ou pela conjugação de dois ou mais deles;

E) tem-se várias espécies, necessariamente vinculadas ao gênero correspondência, definidas: a) pela forma: carta, telegrama, ofício, memorando, bilhete, etc. b) pela forma e conteúdo: cartões de congratulação (por núpcias, aniversário, pêsames, datas como Natal, Ano Novo), carta comercial, etc.;<sup>19</sup>

F) ao tipo argumentativo *stricto sensu*, se vinculam vários textos que são do gênero oratório<sup>20</sup> tais como:<sup>21</sup> a) com temática sagrada ou religio-

19 Obviamente, há mais fatores envolvidos na caracterização destes tipelementos. Aqui estamos apresentando apenas o que permite identificá-los como da natureza de um ou outro tipelemento.

20 Os textos do gênero oratório são da língua falada, embora possam ter versões escritas, como os sermões do Padre Vieira ou serem transcritos.

21 Tomamos aqui sem muita discussão e/ou alteração (algumas foram feitas) o

sa: sermão, prédica, homilia, conferência; b) a oratória judiciária ou forense em júris populares feita por advogados de defesa e acusação; c) com temática acadêmico-científica: conferência; d) de natureza política ou deliberativa: parlamentar (os discurso em câmaras e senado para convencimento ou persuasão);

G) o gênero oratório tem outras espécies, quase sempre definidas pelo conteúdo (cf. Tavares (1974, pp. 150-153): a) *religiosos*: panegírico (texto elogioso, encomiástico, comemorativo em festas de santos, datas eclesíásticas e outros fatos e aspectos ligados à religião); oração fúnebre (texto de homenagem a mortos); b) *de circunstâncias* diversas: discurso cívico (comemorativo de datas festivas ou solenes, quase sempre de natureza patriótica ou pública); exéquias (“discurso fúnebre em homenagem memorativa de uma pessoa falecida”); genético (saudação ao nascimento ou aniversário de alguém); brinde (“discurso muito breve que se faz em saudação a uma pessoa” ou grupo, fato ou instituição “em geral erguendo vivas e bons augúrios no ato de beber”); homenagem (“discurso de saudação e louvor a alguém ou entidade”); formatura (discursos pronunciados em colações de grau); elogio (“discurso laudatório ou encomiástico”); alocação (“discurso ligeiro e simples, feito em ocasião solene”); discursos de posse e recepção (“orações pronunciadas quando da posse” de pessoas em cargos e funções das mais diferentes naturezas. Podem ter cruzamentos com o elogio); c) *acadêmico*: palestra (“fala despretenhosa e coloquial” sobre tema acadêmico de alguma disciplina ou ciência, “desprovida da ênfase do discurso ou da profundidade e argumentação da conferência”); d) *político*: oração/discurso demagógico(a) (“eloquência fundamentada no patético, visando tão-somente comover as massas”... “fala vazia com intuitos meramente imediatistas ou fortuitos”).

4. Todo gênero é sempre composto por um ou mais tipos e pode também simultaneamente ser composto por alguma espécie. A consequência disso para a descrição é que o gênero, além das características que lhe são próprias enquanto tal, apresentará as características do(s) tipo(s) e da(s) espécie(s) que o compõem.

Percebe-se, pois, que o gênero realiza tipo(s) e será de um tipo ou de outro por dominância,<sup>22</sup> em termos de forma/modo de interação que

---

arranjo feito por Tavares (1974). Como já dissemos, classificações de elementos tipológicas feitas neste artigo em termos de tipos, gêneros ou espécies, tal como foram definidos aqui, podem ser revistas por pesquisas posteriores em tipologia.

22 Ver o conceito de dominância em Orlandi (1987) e Travaglia (1991, cap. 2).

o tipo estabelece e não em termos de “espaço” do texto ocupado por um ou outro tipo. Assim, por exemplo, todos os gêneros vinculados necessariamente ao tipo narrativo da espécie história podem conter trechos que se encaixam nos tipos descritivo, dissertativo, injuntivo e narrativo, mas são ditos gêneros do tipo narrativo por dominância do narrativo sobre os demais tipos e porque tais gêneros se vinculam necessariamente ao tipo narrativo. Essa conjugação de tipos muito freqüentemente se subordina ou está condicionada a questões de superestrutura, como mostramos em Travaglia (1991, cap. 6).

5. As espécies não têm realização independente. Isto quer dizer que estão sempre participando da composição de um texto de um tipo ou de um gênero.

A partir de tudo o que vimos até aqui, parece ser pertinente levantar a hipótese de que os gêneros realizam os tipos e as espécies, ou seja, que o que funciona na sociedade e na cultura são os gêneros. Portanto, os gêneros são compostos de tipos e espécies e são a forma de realização desses, ou seja, tipos e espécies tomam vida nos gêneros. Os tipos compõem os gêneros e as espécies estabelecem variedades de um tipo ou gênero necessárias à interação, acrescentando aspectos diversos à composição dos gêneros. Contudo, esta hipótese tem pelo menos três problemas a enfrentar para sua comprovação ou proposição de forma mais sustentável:

1. em primeiro lugar, parece haver hoje certos textos que são compostos por um tipo e uma espécie, mas parecem não configurar um gênero. Este é o caso, por exemplo, da maioria das espécies do tipo lírico que citamos, como o soneto. Neste caso é preciso pesquisar se espécies vinculadas apenas a tipos, mas não a gêneros, como o soneto, por exemplo, têm realmente esta condição ou se teríamos também um gênero com o mesmo nome. Houve uma época em que o soneto (e outras espécies no mesmo caso) teve uma função social que hoje deixou de ser considerada? Esta é uma questão que ainda não pudemos responder em nossa pesquisa;

2. ligado à primeira questão, temos o fato de tipos, gêneros e espécies poderem mudar de caracterização com o correr do tempo ou até mesmo perder sua caracterização. Tem-se então de responder a questões como, por exemplo: o soneto, hoje visto apenas como uma forma caracterizando uma espécie, tem ou teve uma função social que o caracterizaria também como um gênero? Veja-se que a comédia clássica tinha função um tanto diversa da que tem hoje;

3. há tipos que parecem não ter gêneros específicos que os realizam e estão necessariamente vinculados a eles, como sugerimos para o descritivo acima. Parecem estar neste caso também o tipo preditivo, e os tipos do mundo narrado e comentado.

Mesmo que se chegue à constatação de que tipos e espécies só se realizam em gêneros,<sup>23</sup> a proposição teórica de tipos e espécies é pertinente e necessária para a descrição tipológica de textos, pelo menos pelas seguintes razões:

1. em primeiro lugar, como vimos, nem todos os tipos parecem ter gêneros específicos, necessariamente ou não vinculados a eles (cf. descritivo, preditivo, mundo comentado e mundo narrado). Estes casos servem para evidenciar que os gêneros são compostos pelos tipos, mas há tipos com características próprias que compõem gêneros que todavia não são nem exclusiva, nem predominantemente vinculados a esse tipo. Em outras palavras, estes fatos permitem afirmar que os tipos têm existência independente dos gêneros, mesmo que se venha a confirmar a hipótese de que não teriam, no funcionamento textual, realização independente dos gêneros;

2. cruzamentos de tipos (como em um texto a um só tempo descritivo, lírico e do mundo comentado ou outro dissertativo e argumentativo *strico sensu*, ou um dramático e narrativo) mostram a validade, pertinência e necessidade da proposição dos tipos, pois, sem considerá-los, como organizar as características de cada tipo que, em conjunto com outros, perpassa os mais diversos gêneros e mesmo espécies?

3. mesmo que todos os tipos tivessem gêneros necessariamente vinculados a eles, seria difícil propor e sustentar a sua não-necessidade teórica, porque:

a) há um grande número de características que são próprias dos tipos e, portanto, eles são necessários para apreender generalizações que de outro modo ficariam pulverizadas, repetindo-se na discussão teórica de cada gênero, sem que se percebesse que estas não são do gênero em si, mas de outro elemento tipológico de caráter e natureza talvez mais geral e ampla;

b) as descrições tipológicas de textos continuariam embaralhando características de elementos tipológicos de natureza diferente e, assim, criando tipologias com incoerências e problemas difíceis de sanar e talvez de entender, porque seriam originárias de um problema de princípio;

---

23 Caso se constate que não é isso o que acontece, ter-se-á que responder a questões como: o que se tem quando temos um texto composto por tipo e espécie, mas não se configura um gênero?

c) as descrições tipológicas de texto continuariam colocando, na mesma linha ou plano classificatório, elementos de natureza distinta, o que sem dúvida é indesejável, do ponto de vista teórico-epistemológico;

4. também no que diz respeito às espécies, elas são necessárias, pertinentes e válidas do ponto de vista teórico-epistemológico, porque, se não forem consideradas, como computar, por exemplo, as características de um soneto que, além de ser sempre uma espécie do tipo lírico, pode conter uma narração (história ou não), uma descrição, uma dissertação, uma injunção, sem tender a atribuir as características do soneto a cada um desses tipos? Como explicar o aparecimento dessas características com todos estes tipos ou como correlacioná-las conjuntamente a esses vários tipos, sem que elas sejam características desses tipos, os quais aparecem em outras manifestações textuais da língua, mas sem as características da espécie soneto?;

5. pelo que dissemos até aqui, fica evidenciado que, sem a consideração de tipos, gêneros e espécies, ficaria difícil de explicar ou de organizar as explicações sobre elementos tipológicos distintos, dentro de tipologias distintas que se cruzam em um mesmo texto. Fatos dessa natureza parece terem sido suficientemente ilustrados com o caso do soneto, apresentado acima, em que se cruzam duas tipologias (descrição/dissertação/injunção/narração e lírico/épico/dramático);

6. além de tudo, fica mais fácil e possível estabelecer e/ou explicar correlações como a que se pode perceber entre o tipo narrativo de um lado e os tipos épico e dramático do outro. Temos duas tipologias estabelecidas por parâmetros distintos (as perspectivas vistas, quando definimos tipo no item "Tipos"), mas as composições do épico e do dramático são sempre do tipo narrativo, diferenciado-se não só pela perspectiva, mas também porque um é expositivo ou misto (épico) e o outro representativo (dramático) (cf. Tavares, 1974, cap. IV). Como esta última é uma característica formal, por este aspecto, eles podem ser vistos como espécies do narrativo. Mas não são simplesmente isto, uma vez que são dados por perspectivas do produtor do texto que lhes são próprias e os estabelecem como tipo.

Esta forma de correlação que acabamos de registrar ainda está pouco estudada e tem que ser posta como uma questão: pode um tipo de uma tipologia ser espécie de outra tipologia, quando considerado sob outro critério ou parâmetro? Neste caso, como organizar isto em uma teoria tipológica geral? São perguntas para as quais ainda não temos respostas.

Um exemplo mostra que a não consideração clara dos critérios e parâmetros definidores de tipos, gêneros e espécies e tipologias pode levar a arrolar em uma mesma tipologia elementos tipológicos que deveriam estar em tipologias distintas. Assim, ao falar dos tipos no item "Tipos", registramos três tipologias, com elementos tipológicos que muitos autores apresentam como constituindo uma única tipologia. É o caso dos tipos: a) descritivo, dissertativo, injuntivo, narrativo; b) argumentativo *stricto sensu* e não-argumentativo *stricto sensu*; c) preditivo e não-preditivo. Parece um princípio taxonômico básico que um elemento é de um tipo ou de outro dentro de uma classificação. Assim sendo, como se explicaria o fato de termos, por exemplo: a) descrições e narrações preditivas e b) descrições, dissertações e narrações argumentativas *stricto sensu*? Como a existência empírica deste fato foi considerada ao se propor uma tipologia com todos estes tipos juntos? A não distinção das tipologias referidas é que leva alguns a distinguirem entre texto expositivo (uma dissertação não-argumentativa *stricto sensu*) e argumentativo (uma dissertação argumentativa *stricto sensu*). Cremos que a tipologização aqui proposta é mais simples e capaz de dar conta dos fatos, porque percebe tipologias que se cruzam em um texto e não advoga o cruzamento como um novo tipo.

### Considerações finais

No estudo que nos permitiu fazer a proposta teórica esboçada neste artigo, trabalhamos com textos da cultura de Língua Portuguesa no Brasil. A validade do que aqui foi proposto para os elementos tipológicos no plano textual de outras culturas e sociedades é pesquisa a ser desenvolvida.

Estamos cientes de que não trabalhamos com todas as manifestações tipológicas textuais de nossa cultura e, por isso, mais de uma vez dissemos que talvez possam ser identificados tipelementos que ainda não foram detectados e muitos dos elementos tipológicos podem, com base em um estudo mais detido de cada um, ser reclassificados quanto à classe de tipelemento a que pertencem. Da mesma forma, interrelações entre tipelementos podem ser descobertas ou refeitas, conforme a pesquisa se amplie na observação dos dados, inclusive porque utilizamos caracterizações de elementos feitas por estudos que não se configuraram dentro da perspectiva que aqui propomos. Cremos, todavia, que o fundamental é estar sempre atento aos critérios e parâmetros definidores de cada tipologia, tipelemento (tipos, gêneros e espécies) e interrelações.

No que diz respeito ao nosso objetivo inicial parece que *os elementos tipológicos* que seriam *fundamentais*, isto é, que entrariam na composição, se não de todos pelo menos da maioria dos textos, *são os tipos*. Esta questão dos elementos tipológicos fundamentais e suas implicações, inclusive em aplicações como o ensino/aprendizagem de produção/compreensão de textos (cf. Travaglia, 2002), terá que ser discutida em outro momento.

Por uma limitação de espaço fizemos a exposição da proposta teórica de maneira bastante sintética e a exemplificação ficou restrita a elementos teóricos sem podermos apresentar textos concretos. Todavia, cremos que ficaram suficientemente evidenciadas a necessidade, a pertinência e a validade, para a organização de uma teoria tipológica geral de textos, de se propor: a) a classificação dos elementos tipológicos em tipelementos e b) a distinção de três tipelementos: tipos, gêneros e espécies. Esperamos ter conseguido evidenciar que se tem misturado em diferentes tipologias elementos tipológicos de naturezas distintas em um mesmo rol, como se fossem elementos da língua que se equiparam em sua natureza e modo de caracterização. Vem daí uma série de dificuldades na construção, aplicação, comparação e interrelação de tipologias, elementos tipológicos e tipelementos. Fica aqui a proposta da atividade de reconfiguração/construção das tipologias de texto e das interrelações entre elas e seus componentes, levando em consideração a proposta teórica que apresentamos neste artigo. Esta tarefa está iniciada, mas o caminho a percorrer é bastante longo e demorado, pois a tarefa tem inegável complexidade. Espero que a discussão esteja aberta.

## Referências

- CHISS, J.-L. (1987). Malaise dans la classification. *Langue française*. Paris, Larousse, n. 74 (maio), pp. 11-27.
- FÁVERO, L. L. e KOCH, I. G. V. (1983). *Linguística textual: uma introdução*. São Paulo, Cortez.
- KOCH, I. G. V. e FÁVERO, L. L. (1987). Contribuição a uma tipologia textual. *Letras & Letras*, v. 3, n. 1, pp. 3-10. Uberlândia, Editora da Universidade Federal de Uberlândia.
- KOCH, I. V. e TRAVAGLIA, L. C. (1989). *Texto e coerência*. São Paulo, Cortez.
- \_\_\_\_\_ (1990). *A coerência textual*. São Paulo, Contexto.

- MOISÉS, M. (1973). *A criação literária: introdução à problemática da literatura*. 6 ed. rev. São Paulo, Melhoramentos.
- ORLANDI, E. P. (1987). *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, Pontes.
- TAVARES, H. Ú. da C. (1974). *Teoria literária*. 5 ed. rev. e atual. Belo Horizonte, Itatiaia.
- TRAVAGLIA, L. C. (1988). O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. *Leitura - Estudos lingüísticos e literários*, n. 5 e 6, referentes a 1989 e 1990, pp. 42-79. Maceió, Universidade Federal de Alagoas.
- \_\_\_\_\_ (1990). Uma introdução ao estudo do humor pela lingüística. *D.E.L.T.A.*, v. 6 (fev.), n. 1, pp. 55-82. São Paulo, PUC-SP/Abralin.
- \_\_\_\_\_ (1991). *Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil*. Campinas, Tese de doutorado. IEL/Unicamp.
- \_\_\_\_\_ (1996). *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo, Cortez.
- \_\_\_\_\_ (2001). Da distinção entre tipos, gêneros e espécies de textos. *Estudos Lingüísticos XXX*. Marília, SP, Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo/Fundação de Ensino "Eurípedes Soares da Rocha, 01- 06 (Revista Publicada em CD-ROM: artigo 200).
- \_\_\_\_\_ (2002). "Tipos, gêneros e espécies textuais e o ensino de língua materna". In: BASTOS, N. M. O. B. (org.). *Língua Portuguesa: uma visão em mosaico*. São Paulo, Educ.
- \_\_\_\_\_ (2002a). "Gêneros de texto definidos por atos de fala". In: ZANDWAIS, A. (org.). *Relações entre pragmática e enunciação*. Porto Alegre, Sagra Luzzato (Coleção Ensaio – n. 17).
- WEINRICH, H. (1968). *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Madrid, Gredos.